

**A CRISE ACTUAL VISTA  
DE CLEVELAND**

Júlio Mota  
Luís Lopes  
Margarida Antunes  
(Coordenadores)

## Índice

### 1. Introdução

### 2. *Cleveland Contra Wall Street* de Jean-Stéphane Bron

### 3. Cleveland, uma Cidade à Deriva

### 4. *Cleveland Contra Wall Street*, a crise de *subprimes* no cinema

### 5. *Cleveland Contra Wall Street*: o escândalo dos créditos *subprimes*, como se aí estivéssemos

### 6. Os protagonistas

### 7. *Cleveland Contra Wall Street* por Sandra Sebag

### 8. *Cleveland Contra Wall Street*, um processo útil mas em sonho...

### 9. *Cleveland Contra Wall Street*: Entrevista com o Procurador Joshua Cohen

### 10. *Cleveland Contra Wall Street* faz o julgamento da crise das hipotecas

## **1. Introdução**

### *Cleveland Contra Wall Street*

#### **Nas salas de cinema, em Agosto de 2010**

### *Cleveland Contra Wall Street*

A 11 de Janeiro de 2008, Josh Cohen e os seus associados, advogados da cidade de Cleveland levam à justiça os 21 bancos que consideram responsáveis das execuções imobiliárias que devastam a sua cidade. Mas, os bancos de Wall Street opõem-se por todos os meios a que se faça a abertura do processo. *Cleveland Contra Wall Street* conta a história de um julgamento que deveria ter existido. Apresentado na *Quinzena dos Realizadores* no último Festival de Cannes, este documentário de Jean-Stéphane Bron é um processo em cinema, cuja história, protagonistas e os seus testemunhos são todos bem reais...

Entre estes verdadeiros protagonistas, reencontra-se Barbara Anderson. Nascida em Cleveland e numa família numerosa, é uma das primeiras mulheres negras a vir instalar-se com a sua família em Slavic Village, então habitada por uma população de maioria branca. A sua casa foi várias vezes incendiada, até que um dia os seguros recusarão pagar. Teve que se decidir a contrair um empréstimo. Um corretor concede-lhe um empréstimo a taxa variável... Muito rapidamente, os juros vão subir em flecha. Barbara deixa definitivamente de poder pagar, ameaçam-na com a confiscação da sua casa. Para a salvar, desenvolve então um combate que vai durar vários anos. Alerta a opinião, alerta os amigos, mobiliza outras pessoas em seu redor. Na

sua rua, no seu bairro, torna-se o ferro de lança do combate contra as situações resultantes de empréstimos *subprimes*. Em torno dela, as casas são abandonadas uma a uma pelos seus vizinhos, incapazes de reembolsarem as suas dívidas. O bairro esvazia-se... Slavic Village, de resto, será considerado como a zona central destruída, o “Ground Zero”, da crise dos *subprimes*. Barbara abre então em Street Clube, uma pequena célula militante, encarregada em manter em bom estado estas ruas que se tornaram rapidamente nas presas dos *gangs* e dos *dealers*. Desde há vários anos, é uma militante activa na organização militante ESOP (*Empowering and Strengthening Ohio' s People*) que leva a cabo acções directas à sede dos bancos para forçar estes últimos a negociar com os proprietários das casas.

O parecer de Challenges: *A maior parte dos filmes sobre a crise saídos até agora utilizam formas clássicas de ficção, sejam documentário ou não. Ficção documentário ou documentário imaginário, Cleveland Contra Wall Street, que se enquadra nos tipos mais canónicos do cinema americano, o filme de julgamento, é um muito bom híbrido. “Desempenhado” de forma muito séria pelas suas verdadeiras-falsas personagens, permite à “Main Street, o povo”, a América dos que estão em baixo na escala dos rendimentos, debater as responsabilidades de Wall Street, e dos seus, na crise imobiliária, tendo como ponto culminante o debate e a votação de um júri. Ou como fazer de um assunto ao mesmo tempo técnico e polémico um objecto de suspense...*

Disponível em <http://cdurable.info/Cleveland-contre-Wall-Street,2689.html>

## **2. *Cleveland Contra Wall Street* de Jean-Stéphane Bron**

O cinema pode-nos vingar da realidade?

No ano passado, na mesma época, as críticas tinham copiosamente glosado sobre o final do filme *Inglorious Bastards* de Quentin Tarantino, e este fantasma do cinema que consistia em rectificar o curso da história pela ficção (fazendo morrer Adolf Hitler num incêndio). Há alguns anos, o Festival tinha programado em sessão especial *Bamako* de Abderrahmane Sissako<sup>1</sup>, que organizava um processo fictício contra as Instituições Financeiras Internacionais (FMI, Banco Mundial...) movido pela sociedade civil africana.

*Cleveland Contra Wall Street* de Jean-Stéphane Bron, apresentado na Quinzena dos Realizadores, vai um pouco mais a fundo nesta via, na transposição da realidade através de um filme documentário: o julgamento que coloca em cena comporta “um verdadeiro” juiz, “um verdadeiro” júri, “verdadeiros” advogados e “verdadeiros” testemunhos e, no entanto, este julgamento nunca existiu.

Como o explica o cineasta em *voz-off* na sua justificação inicial, a cidade de Cleveland pensou bem em levar a tribunal os grandes bancos que julgava responsáveis pela crise imobiliária; mas o processo foi bloqueado logo na primeira fase do procedimento por uma armada de advogados pagos por Wall Street. Compreendendo que o julgamento que esperava acompanhar

---

<sup>1</sup> N. T. Sobre o filme *Bamako*, ver “Caderno Pedagógico: Aprender a Ler Cinema”, editado no âmbito do Ciclo Integrado de Cinema, Debates e Colóquios na FEUC, 2006/2007, editado para a sessão “Pobreza, Dívida Externa e as Três Instituições Irmãs: FMI, Banco Mundial e OMC”, em que o filme foi exibido. Disponível em [http://www4.fe.uc.pt/ciclo\\_int/pobreza\\_divida.htm](http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/pobreza_divida.htm)

nunca iria ter lugar, o cineasta contactou todos os protagonistas para lhes propor que o transformassem em “juízo no cinema.”

A iniciativa põe apaixonantes e embaraçantes questões teóricas. Mas a audácia e a força do filme estão precisamente em não se ter deixado embaraçar e de acreditar, custasse o que custasse, nas vantagens dos meios utilizados. É essa fé que permite que *Cleveland Contra Wall Street* encontre o seu ritmo e o seu tom, e arraste com ele o espectador.

É necessário dizer que o filme assenta sobre uma dramaturgia que já deu as suas provas no cinema, tanto no género ficcionado como no género de imaginário (Jean-Stéphane Bron cita entre as suas influências *Autópsia de um Assassínio de Otto Preminger* e de *Erin Brokovich* de Steven Soderbergh) e também (*Um Culpado Ideal* ou *Suspeitas* de Jean-Xavier de Lestrade, para permanecermos deste lado do Atlântico): tornou-se uma banalidade recordar que um tribunal é um teatro, e tanto mais nos procedimentos acusatórios americanos (em que se opõem frontalmente as duas partes).

É necessário dizer igualmente que o tema da crise de *subprimes* que este ano deu lugar a nada menos que três filmes nas diferentes selecções (sendo os dois outros *Wall Street 2* de Oliver Stone e o documentário *Inside Job* de Charles Ferguson), é um tema suficientemente escaldante para nos agarrar e nos cortar quase a respiração.

Não se entrará aqui mais na análise do filme, tanto quanto ainda não se sabe a conclusão final do processo: far-se-á antes sublinhar o interesse pedagógico deste dispositivo, e do filme que dele é o seu fruto. *Cleveland Contra Wall Street* não é simplesmente um documentário sobre a crise dos *subprimes* e as suas dramáticas consequências. É também um formidável

testemunho sobre a América de hoje, sobre o seu sistema judicial (diferente do sistema francês), as suas realidades económicas (Cleveland como exemplo do declínio *rust belt*) e sociais (relações de classe, relações de raça), mas sobretudo sobre o que se poderia chamar a sua “psique aquando da própria audiência em si-mesma e depois com a cena de deliberação do júri (sobre a qual paira a lembrança de *Doze Homens em Fúria*) parecem claramente à luz do dia as oposições ideológicas que fracturam a sociedade americana, nomeadamente em redor das noções de liberdade e de responsabilidade individual.

Mas, como os outros filmes de julgamentos, *Cleveland Contra Wall Street* é também um grande filme sobre a argumentação, que se poderá estudar através as estratégias dos advogados das duas partes: deve-se estar particularmente atento ao advogado da defesa, perfeito “mal-intencionado” da história, assim como à sua utilização das perguntas fechadas, ao silogismo ou ainda ao argumento de autoridade...

Disponível em:

<http://www.zerodeconduite.net/blog/index.php?itemid=18787>

### 3. Cleveland, uma Cidade à Deriva

Sobre *Cleveland Contra Wall Street*

Depoimentos obtidos por Mathilde Blottière

“Em *Cleveland Contra Wall Street*, o realizador suíço Jean-Stéphane Bron fala-nos desta cidade do Ohio fortemente atingida pela crise dos *subprimes* ao colocar em cena um verdadeiro-falso julgamento que opõe os cidadãos arruinados aos bancos. Na altura da sua apresentação no Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), o realizador comentou para nós alguns excertos do seu documentário.

Cineasta suíço de 41 anos, Jean-Stéphane Bron é o autor de um notável documentário, seleccionado em Cannes pela Quinzena dos Realizadores: *Cleveland Contra Wall Street*. Estão em cena, os verdadeiros testemunhos, os advogados e os queixosos, num processo que se anunciava histórico mas que não teve lugar, não se realizou. Levados a Tribunal pela cidade de Cleveland, Ohio, aos vinte e um bancos americanos era exigido que se explicassem sobre o desmoronamento do mercado imobiliário e as suas consequências: as confiscações de casas e as expulsões de milhares de famílias. Estávamos em Janeiro de 2008, alguns meses antes de chegar à escala planetária uma crise económica sem precedentes...

“Na origem do filme, está a vontade de compreender e de fazer compreender. Decifrar a mecânica da crise de *subprimes* com esta intuição que a análise de uma parte nos poderia informar sobre o seu todo. A decisão de rodar em Cleveland faz parte da mesma ideia: escolher um local no planeta, não para contar uma situação específica, mas para olhar para as



consequências locais de um fenómeno planetário. Por detrás do caso de uma pessoa que perde a sua casa, o que há? Onde estão as responsabilidades? Decidimos assim realizar um filme sobre forças tão abstractas como as do capitalismo. Para assim encarnar, de maneira impressionante e tangível, estas noções tão pouco cinematográficas eu escolhi um lugar simbólico.”

“A 11 de Janeiro de 2008, a cidade de Cleveland decidiu intentar um processo a todos os bancos que julgou como responsáveis das execuções das hipotecas imobiliárias que atingiram a cidade. Vinte e um bancos que tinham vendido e comprado títulos *subprimes* reencontravam-se agora na posição de acusados. Tinha-o sabido dias antes, através de imprensa. A informação era curta, mas nestas algumas linhas, vi o início de uma história. Pensei em *Erin Brokovitch*, nestes combates épicos entre fracos contra os fortes ... Não há ninguém melhor que os americanos com o seu sentido inato para conseguir colocar em cena e dramatizar tais confrontos ... Cleveland era-me então completamente desconhecida. Não teria sabido sequer saber apontá-la no mapa! Mas, duas semanas mais tarde, estava no local, onde encontrei o advogado da cidade, Josh Cohen, e os habitantes expulsos. Convenci Josh a filmar o que devia ainda ser o verdadeiro processo de *Cleveland Contra Wall Street*. Quase um ano depois, o tempo de arranjar financiamento para o filme, houve uma inversão na situação: os bancos tudo puseram em marcha para evitar este tipo de confronto e compreendi que o verdadeiro processo não teria lugar. Esta inversão abriu, basicamente, o campo ao cinema. De repente, deixava de andar a correr desesperadamente depois da realidade, tinha por fim a ocasião de conduzir as coisas pelas minhas próprias mãos. É assim que nasceu a ideia de pôr em cena o desenrolar do julgamento.”

“Em Cleveland, descobri uma cidade emblemática da crise e das derivas do capitalismo. É primeiro lugar, um símbolo histórico: uma cidade industrial do Rust Belt, na encruzilhada dos desafios do momento: o declínio da indústria, o poder quase que absoluto de uma finança estéril que apenas procura auto-reproduzir-se, mas também uma insegurança endémica. À sua maneira, Cleveland, conta-nos tudo isto. As consequências da crise são aqui absolutamente catastróficas. Um lar em cada dez foi objecto de um procedimento de expulsão de casa. Os seus habitantes de resto rebaptizaram a cidade de “Ground zero”... Quanto às implicações sociais, são dramáticas, e em pouco tempo é uma cidade que se reencontra de rastos.”

“A combatividade dos habitantes de Cleveland é proporcional à crise de que foram vítimas. Fiquei espantado pela capacidade de resistência desta cidade e pelo papel que assumem os bairros. As pessoas têm um reflexo de acção local, como se dissessem que na impossibilidade de poderem mudar o mundo podem pelo menos agir sobre o seu ambiente mais próximo. Ali, não no meu jardim (“Not in my backyard!”) é uma ideia muito bem ancorada. É ela que está na base da cólera e da luta de uma das personagens - chaves do filme: Barbara Anderson. Fundou um Street Clube, uma destas pequenas células militantes de bairro. Representa o combate de toda uma cidade. É um membro activo da organização ESOP, que toma de assalto as sedes dos bancos para incomodar os seus dirigentes até que estes os aceitem ouvir. Esta organização, que pertence ao movimento do Community Organizer ao qual afirma-se que também Obama pertence, é muito eficaz, porque pratica a acção directa e apoia-se sobre uma rede de militantes que se substituem

até a obter a abertura de negociações. Quando cheguei a Cleveland, eram onze activistas, hoje são trinta, e o ESOP tomou uma envergadura nacional.”

Disponível em <http://www.telerama.fr/cinema/cleveland-une-ville-a-la-derive,56024.php>

#### **4. *Cleveland Contra Wall Street*, a crise de *subprimes* no cinema**

Serge Halimi

*Le Monde Diplomatique*

20 de Agosto de 2010

O financiamento do imobiliário “*continua a ser um dos problemas de política económica mais importantes e mais complicados do país*”, acaba de reconhecer Timothy Geithner, o ministro americano das finanças. Mas, como o recorda o filme de Jean-Stéphane Bron *Cleveland Contra Wall Street*, há já dois anos, questionado a este respeito durante a sua campanha eleitoral, Barack Obama prometera: “Vamos reparar tudo isso.”

Não se reparou nada. E, da mesma maneira que em Detroit, a cidade Cleveland está entre os locais onde o desastre da crise dos *subprime* mais duramente possível atingiu os Americanos. Nesta grande cidade do Ohio, e

em especial nos seus bairros pobres, as ruas abandonadas mostram casas sem ninguém e lixo que não pára de se acumular. O município, cujas receitas fiscais baixaram estrondosamente devido ao empobrecimento dos seus habitantes particularmente atingidos pelo desemprego, tem, por acréscimo, que consagrar cada ano vários milhões de dólares na destruição de residências que nunca ninguém quererá comprar e cujo destino é apodrecerem de pé.

A propriedade imobiliária, este sonho americano... Há um ano, entre os proprietários que ainda não tinham acabado de liquidar o seu empréstimo, quase um em cada quatro (23% para ser preciso) detinha um activo cujo valor era inferior à dívida contraída para o adquirir. Em Nevada, era 65%; em Arizona, 48%; Flórida, 45%<sup>2</sup>. Este ano, o número de execuções ultrapassará o total de 2009. As eleições legislativas a meio do mandato, a 2 de Novembro próximo, terão este contexto do imobiliário como pano de fundo.

Então, questiona o filme de Jean-Stéphane Bron, quem é culpado? O julgamento terá apenas lugar no cinema, mas com verdadeiros protagonistas do ramo do imobiliário (corretores, proprietários, pessoas que ficaram sem casa). O realizador tem uma pequena ideia do veredicto que desejaria, mas o debate contraditório compromete-se, e os verdadeiros jurados irão decidir. Se o trabalho cinematográfico é pedagógico - repare-se que nunca não se propôs falar “da crise dos *subprimes*”, mas quem poderia então explicar simplesmente do que é que se tratava? -, não é nem didáctico, nem escolar, nem demonstrativo.

---

<sup>2</sup> Ler «Homeowners' woes dim U.S. outlook», *The Wall Street Journal Europe*, 25 de Novembro de 2009.

Os bancos são por conseguinte *realmente* responsáveis pelos estragos causados à cidade de Cleveland pela ruína dos seus habitantes incapazes de reembolsarem os empréstimos que lhes foram muito “generosamente” concedidos? Imediatamente, o advogado de Wall Street sugere a sua resposta: uns não são mais culpados do que os outros; quiseram ganhar dinheiro como toda a gente, como os outros. Como estes habitantes de Cleveland que compraram casas demasiado caras para eles. Também procuraram especular a fim de poderem viver acima dos seus meios. Finalmente, dizem-nos, cada um deles, credor ou devedor, conhecia o risco que assumia. E, na América “*Land of the free, home of the brave*”<sup>3</sup>, quando os indivíduos não são obrigados a agir de revólver sobre a têmpera, quando se determinam “livremente”, não podem em seguida queixarem-se de que são inocentes das escolhas que fizeram. Se a propriedade tivesse continuado a subir, teriam ficado ricos, não é? Dado que tudo desabou, dormirão agora no seu automóvel. E as suas crianças com eles...

Recordação da lógica do sistema capitalista, invocação da responsabilidade individual: este registo é poderoso, mesmo para a população pobre de Cleveland que paga as suas consequências a um preço bem alto. No resto, o advogado de Wall Street está bem disposto em relação aqueles que tudo perderam. Compadece-se mesmo: “Queremos todos o inacessível.” Uma das vítimas também não é muito calma quando detalha a natureza da sua própria “ganância”. E da sua “liberdade” de recusar um empréstimo. Ganhava oito dólares por hora, não podia alimentar a sua família. Um dia,

---

<sup>3</sup> O hino nacional americano tem a seguinte passagem: “a bandeira estrelada flutua acima dos lares dos homens livres (*land of the free*), da terra dos homens bravos (*home of the brave*)”.

um corretor, pago à comissão para vender casas em situação de *subprime*<sup>4</sup>, propôs-lhe um crédito que sem dúvida ela nunca teria espontaneamente reclamado. Falhou; será punida. Não tinha nada; terá ainda menos, agora. Ela compreende e agora um pouco melhor o funcionamento normal do seu país. Mas, uma vez aprendida esta lição de economia política, não lhe resta mais nada que se indignar de dever trabalhar um pouco mais para contribuir para os bónus do Presidente do Chase Manhattan Bank.

De facto, esta instituição assim como os outros bancos realmente assumiram um risco emprestando aos pobres e a taxas exorbitantes? Realmente, de modo nenhum. Porque estas hipotecas, por sua vez, serão transformadas em produtos financeiros, titularizados, seguidamente vendidos aos aforradores à procura de um rendimento mais elevado que os vulgares títulos do Tesouro. É a isto também que se chama “a inovação financeira”. O risco que os bancos tivessem assumido, dele se libertavam quase imediatamente, difundindo-o prontamente por milhões de investidores, grandes mas também pequenos. Estes também nem sempre compreendiam o que compravam (desejavam-no realmente, de resto?): apreciavam simplesmente o que essa compra lhes trazia. Até ao dia em que...

Um participante no julgamento resume: de um lado, alguns privilegiados; do outro, as massas cândidas. A sonharem com um tecto que lhes pertenceria, a sonhar que poderiam pagar os estudos aos seus filhos, um computador, uma embarcação a motor, de se tornarem mais ricos apesar da estagnação dos salários. Ao mesmo momento, os bancos tinham necessidade de novos clientes. Incentivaram por conseguinte os

---

<sup>4</sup> Trata-se de empréstimos concedidos a clientes de risco, comportando uma taxa de juro sensivelmente mais elevada.

empréstimos mais diversos. E mergulharam na miséria os que não podem mesmo reembolsá-los quando o mercado do emprego (salário) e o da propriedade (preço esperado de uma revenda eventual) entrou em recessão.

Nos Estados Unidos, os bancos foram salvos pelo Estado. Resultado: os adversários republicanos de Obama apelidam-no de “socialista”...

Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr/carnet/2010-08-20-Cleveland-contre-Wall-Street>

## ***5. Cleveland Contra Wall Street: o escândalo dos créditos subprimes, como se aí estivéssemos***

Jacques Mandelbaum

*Le Monde*

17 de Agosto de 2010

Documentário ou ficção? Como é necessário dar uma informação, escreveremos documentário. Mas, para ser honesto, esta informação é discutível. Na dúvida, teria sido mais correcto abstermo-nos. A contra-gosto de quem prefere os códigos, a dúvida é em contrapartida autorizada, ou mesmo aconselhada, para os criadores. Isto confere a *Cleveland Contra Wall Street* uma virtude que estimula, no plano político e no plano artístico.

O autor deste filme, Jean-Stéphane Bron, documentarista suíço entre os mais talentosos do momento, atravessou pois alguns lagos para chegar até Cleveland, Ohio, nos Estados Unidos, onde a cidade levava à justiça, a 11 de Janeiro de 2008, vinte e um bancos de Wall Street, julgados por este município como os responsáveis dos milhares de expropriações imobiliárias consecutivas à sua política de créditos de alto risco.

Jean-Stéphane Bron, para dizê-lo diferentemente, chegou a Cleveland em pleno arranque da crise dos *subprimes*, cujas consequências - uma crise financeira mundial como não se viu desde 1929 - são tristemente conhecidas.

É o que se chama ter um bom faro: um assunto de primeira grandeza, se assim se ousa dizer, para qualquer documentarista, tanto quanto a acção em justiça intentada por esta cidade de Cleveland não tinha precedentes. Apenas aí está, a realidade é também, às vezes, a inimiga do documentarista. O procedimento, bloqueado pelos argumentos jurídicos de uma lengalenga de advogados bem pagos pelos bancos, não se fez esperar. Para dizer a verdade, à hora em que o filme sai em estreia mundial nos ecrãs franceses, não somente este julgamento não teve lugar, e o trajecto do processo poderá ser tudo menos o de se poder considerar um resultado certo.

Que isto não embarace. À falta de julgamento, Jean-Stéphane Bron, com o acordo do município e das partes civis, tornou-o possível para as necessidades do seu filme. Um processo em cinema, por conseguinte, mas não é tanto um falso processo. Porque é rigorosamente verdadeiro. O palácio de justiça, posto à disposição pela cidade, o gabinete de advogados mandatado por ela, pelas vítimas, os actores, os testemunhos, e até este



intrépido advogado vindo de Chicago para falar em nome dos bancos, que quanto a elas não fizeram jogo limpo.

Bem mais que um jogo, termo bem irreverente quando se trata de uma situação tão dramática, seria necessário para sermos exactos falar de dispositivos cinematográficos. Seja uma situação estabelecida pela encenação a partir da qual tudo o que se produz resulta de uma realidade induzida mas não simulada. No limite, pode-se mesmo pensar que o quadro do cinema não faz aqui outra coisa que não seja o de se substituir ao outro, em falta, substituir-se ao da justiça, de maneira ainda mais radical do que o faria o género puramente ficcional do filme de julgamento.

O que se desenrola é de facto apaixonante, por duas razões. A primeira, tem na história edificante que se decanta, progressivamente, à medida que os testemunhos se sucedem. Não tinham compreendido nada quanto à crise dita de *subprimes*? Este filme torna-a claro como a água cristalina vinda das rochas, pura. Era uma vez banqueiros muito ricos que, para ficarem mais ricos, ainda inventaram um meio muito eficaz: atribuir créditos a taxas exorbitantes a uma franja da população desfavorecida e não solvente, aproveitaram-se destes empréstimos que agrupados em títulos para os vender a accionistas seduzidos pela sua rentabilidade, para, no fim, e para acabarem com a besteira se apropriarem também dos bens dos devedores incapazes de efectuarem os devidos reembolsos.

Em Cleveland, cidade industrial sinistrada do Middle West, vinte mil famílias dos bairros desfavorecidos, na sua maioria negros, foram assim expulsas do dia para a noite da sua própria casa.

O outro interesse do filme consiste em dar-nos esta constatação, não sobre o modo da dissertação económica como tantos filmes recentes, mas através da

presença carnal dos protagonistas do drama e no âmbito de uma justa retórica. Daí emanam grandes figuras e verdadeiros efeitos dramáticos.

Pelo lado de Cleveland, o advogado Josh Cohen, homem de grande dignidade habituado e calejado pela sua missão, Barbara Anderson, inspiradora dos negros para a luta, Keith Taylor, ex-corretor arrependido que trabalhou em empréstimos hipotecários e que explica como na sua profissão se enganavam as pessoas pobres e simples com o aval dos bancos, ou ainda o surpreendente Michael Osinski, engenheiro informático e inventor vergonhoso do "software" com o qual os bancos se serviram para levarem o planeta à falência.

Pelo lado de Wall Street, o indescritível testemunho da defesa Peter Wallison, ex-aconselheiro de Ronald Reagan e grande apóstolo sempre convencido dos grandes benefícios da desregulação dos mercados, mas ainda mais extraordinário e diabólico é o advogado dos bancos, Keith Fisher. Por fim, este mestre da sofisticação do capitalismo e grande defensor quase lubitschiano da liberdade empresarial definida como direito natural ganha o seu bocado, confirma que não poderá haver um bom filme sem que haja o mau da fita de quem se possa até vir a gostar.

Quem diz julgamento, diz, enfim, júri e diz veredicto também. Deixaremos o espectador descobrir um e o outro, para que ele não desperdice senão o seu prazer, pelo menos a sua edificação moral e cívica. Aí está, numa palavra, um muito bom filme, que teria podido sem dúvida ganhar ainda

mais se alargasse a sua própria ideia de encenação e que se recomenda muito calorosamente.

Disponível em [http://www.lemonde.fr/cinema/article/2010/08/17/cleveland-contre-wall-street-le-scandale-des-subprimes-comme-si-vous-y-etiez\\_1399778\\_3476.html](http://www.lemonde.fr/cinema/article/2010/08/17/cleveland-contre-wall-street-le-scandale-des-subprimes-comme-si-vous-y-etiez_1399778_3476.html)

## **6. Os protagonistas**

BARBARA ANDERSON

Nascida em Cleveland numa família numerosa, é uma das primeiras mulheres negras a vir a instalar-se com a sua família em Slavic Village, onde vivia uma população maioritariamente branca. A sua casa foi incendiada várias vezes até ao dia em que os seguros se recusaram a pagar. Decide então contrair um empréstimo. Um corretor concede-lhe um empréstimo a taxa variável... Muito rapidamente, os juros vão subir em flecha. Barbara deixa de poder pagar e aqui ameaçam-na de lhe confiscarem a sua casa. Para a salvar envolve-se então num combate que vai durar vários anos. Alerta a opinião, alerta os amigos, mobiliza outras pessoas em seu redor. Na sua rua, no seu bairro, torna-se o ferro de lança do combate contra os créditos *subprimes*. Em seu redor, as casas são abandonadas, uma atrás da outra, pelos seus vizinhos, incapazes de reembolsar os seus créditos. O bairro esvazia-se... Slavic Village de resto será considerado como a zona

central destruída, o “*ground zero*” da crise dos *subprimes*. Barbara abre então um Street Clube, uma pequena célula militante, encarregada de manter em bom estado estas ruas que se tornam, por seu lado, rapidamente presa dos gangs e dos dealers. Desde há vários anos que é activa na organização militante ESOP (*Empowering and Strengthening Ohio's People*) onde leva a cabo acções directas à sede dos bancos para forçar estes últimos a negociarem com os proprietários das casas.

## AS TESTEMUNHAS

Robert Kole

Polícia, ex-membro da brigada de expulsões. Procedeu a centenas de expulsões, até 10 por dia. Devastado pelas execuções das hipotecas sobre o imobiliário, East Cleveland que foi o seu bairro de infância, hoje quase que desapareceu.

Frederick Kushen

Agente de segurança, trabalha de noite. Mas, trabalha também frequentemente de dia para poder alimentar a sua família, pagar as suas dívidas e tentar salvar a sua casa

Kurtis Rodgers Kushen

12 anos, adepto dos Cavaliers, a equipa de basket de Cleveland. Sonha vir a ser advogado.

Raymond Velez

Trabalhador na construção civil, vive há doze anos numa casa comprada sobre a qual contraiu dois empréstimos sucessivos por intermédio de um corretor.

Keith Taylor

Ex-traficante de droga, dealer, ex-corretor em créditos sobre imobiliário. Pago à comissão, vendeu créditos de tipo *subprime* às centenas.

Tony Brancatelli

Conselheiro municipal, representante de Slavic Village. Foi um dos primeiros a denunciar estes créditos não regulados de que pressentia os seus efeitos devastadores.

Michael Osinski

Autor do programa informático que facilitará a transformação de hipotecas em produtos financeiros. O seu programa tornar-se-á a referência para todos os bancos no mundo. Descreve-se a si-mesmo como tendo participado na “bomba que fez rebentar Wall Street”.

Peter Wallison

Advogado, antigo conselheiro na Casa Branca com Reagan. É um dos teóricos influentes da desregulação dos mercados financeiros e um dos principais animadores de um *think tank* conservador e ultra liberal, The American Enterprise Institute.

O JUIZ

Thomas J. Pokorny

Nascido em Cleveland, o juiz Pokorny fez toda a sua carreira no Common Pleas Court do condado de Cuyahoga, em Cleveland. Julgou tanto processos do civil como do penal, em especial, importantes processos no âmbito do criminal.

## O ADVOGADO DOS BANCOS

Keith Fisher

Advogado e professor, praticou em Washington durante quase toda a sua carreira em diferentes escritórios de advogados de renome. Especializado nas regulamentações, nas fusões e aquisições bancárias, representa diversos dirigentes e administradores de serviços financeiros em processos de penal e civil. Casado, vive em Chicago. Keith Fisher é um apaixonado jogador de xadrez.

## OS ADVOGADOS DA CIDADE

Josh Cohen

Advogado, casado, pai de três filhos. Democrata, politicamente envolvido na vida da cidade é o fundador do escritório de advogados Cohen, Rosenthal et Kramer, com sede em Cleveland e especializado em litígios complexos no campo do civil.

Com os seus associados, esteve na base de muitas queixas colectivas com os seus associados (*class action*) em especial nos casos de defesa do consumidor e de conflitos do trabalho. O seu escritório foi designado pela cidade de Cleveland para conduzir uma acção em tribunal contra 21 bancos que participaram na titularização dos créditos de *subprimes*. Contra ele mais de uma centena de advogados contratados pelos bancos a tentarem bloquear o processo. Josh descreve-se como “um homem de Cleveland” orgulhoso da sua cidade de que muito gosta, “apesar do mau tempo e de as equipas

desportivas que não têm nenhuma sorte”. É um fervoroso adepto dos Indians, a equipa de baseball local.

Kathleen Engel

Antiga advogada, casada, mãe de dois filhos. Professora de direito reputada ela é uma autoridade em matéria de regulamentação dos créditos hipotecários. Consultora do Federal Reserve, especialista dos *subprimes*, faz parte da equipa de Josh Cohen de que é conselheira tanto de um ponto de vista estratégico como jurídico. Ela publicou uma obra de referência intitulada *The Subprime Virus*.

Mark Stanton

Advogado, especialista em penal, opositor da pena de morte faz parte da equipa criada por Josh Cohen. As suas iras lendárias e a sua ciência oratória fazem dele um advogado temido e reconhecido.

Disponível em

[http://www.filmsdulosange.fr/images/DP\\_cannes2010/DP\\_cleveland.pdf](http://www.filmsdulosange.fr/images/DP_cannes2010/DP_cleveland.pdf)



## ***7. Cleveland Contra Wall Street***

Sandra Sebag

*Novethic*

29 de Agosto de 2010

Este filme documentário, do realizador suíço Jean-Stéphane Bron, elabora o processo fictício da cidade de Cleveland contra doze bancos de Wall Street. Analisa por esta via todos os aspectos da crise dos *subprimes*. Iluminante e pedagógico.

Se todos os protagonistas do filme foram implicados realmente e/ou sofreram a crise dos *subprimes*, o filme documentário do realizador suíço Jean-Stéphane Bron relata um processo fictício entre a cidade de Cleveland e 21 bancos de Wall Street. A cidade de Cleveland no Estado do Ohio foi com efeito particularmente afectada pela crise dos *subprimes* - estes créditos hipotecários de alto risco distribuídos generosamente pelos bancos e que conduziram à crise financeira. Por conseguinte, solicitou a um gabinete de advogados, dirigido por Josh Cohen, que se intentasse uma acção colectiva contra os bancos comerciais e os bancos de investimento com sede em Wall Street, que considera como os responsáveis pela crise. Contudo, os bancos tentam impedir por todos os meios possíveis que este julgamento venha a existir. Consequência: Jean-Stéphane Bron desejou que este processo se realizasse, mesmo que virtualmente, e por conseguinte convocou para o efeito um verdadeiro juiz, um verdadeiro júri, verdadeiros advogados e verdadeiros testemunhos que pôs em cena no âmbito de um documentário

ficcionado. O processo de Wall Street - ainda que seja apenas de maneira simbólica - terá assim efectivamente lugar!

*“A bomba que fez explodir Wall Street”*

Este tenta estabelecer quem é ou quem são os responsáveis pela crise dos *subprimes* e opõe numa dramaturgia bastante clássica “o mal”, representado pelos bancos e corretores cúpidos e “o bem”, mal tratado, humilhado, através de retratos de trabalhadores que acumulam vários empregos para poderem viver. Estes, cheios de dívidas acumuladas de modo demasiado fácil, reencontram-se na rua com a sua família. Para isso, o documentário não reduz uma crise tão complexa a uma explicação maniqueísta e simplista. O realizador tenta percorrer a cadeia das responsabilidades dos corretores até aos bancos e até mesmo até ao informático que está na base do programa utilizado pelos bancos e que muito contribuiu para o desenvolvimento da titularização. O testemunho deste último é de resto particularmente eloquente, pois este descreve-se como que um dos que participou na *“bomba que fez explodir Wall Street”*. Assim, teria permitido *“a alguns privilegiados enriquecerem-se aproveitando-se das pessoas crédulas”*, prossegue, testemunhando um real sentimento de culpabilidade. Este é eminentemente crítico no que diz respeito aos financeiros de Wall Street: *“Esqueceram os verdadeiros riscos porque as remunerações eram demasiado enormes (...) era deliberado e calculado”*, afirma. De acordo com o seu ponto de vista, os bancos não podiam ignorar que o sistema ia implodir.

Igualmente esmagador é o testemunho de um antigo corretor e ex-dealer de droga, que vendeu centenas de *subprimes* a trabalhadores pobres. Reconhece que certos empréstimos, tendo em conta os rendimentos modestos dos mutuários não podiam ser reembolsados. Segundo ele, os corretores tinham frequentemente o hábito de falsificar os processos fazendo aumentar os rendimentos para que os bancos atribuíssem créditos, e estes últimos não verificavam os processos em detalhe e atribuíam mesmo cegamente empréstimos...

Do lado das vítimas, tratava-se sempre de trabalhadores com fracos rendimentos, ou mesmo pobres, que acumulam vários empregos para terminar os seus fins de mês. Eles tentam, apesar de tudo, fazer parte do sonho americano e possuir a sua própria casa com um canto de horta. Tendo fracos rendimentos, os bancos só lhes atribuem créditos na base de hipotecas sobre a casa adquirida e impondo taxas de juro muito elevadas, frequentemente o dobro do que teria sido atribuído a uma família solvente.

“O *Ground Zero* da crise”

Vários testemunhos se encadeiam, entre os quais o de um pai de família “WASP” (branco anglo-saxónico protestante), característico da América profunda que estava em vias de perder a sua casa. Este está totalmente atónito e não parece compreender mesma nada do que é que lhe aconteceu verdadeiramente nem como fazer para enfrentar a situação. Se a revolta não tem nada a ver com ele, a revolta anima, em contrapartida, Barbara Andersen, uma afro-americana, que leva a cabo acções directas nas sedes dos bancos para forçar estes últimos a negociar com os proprietários das

casas. Para ela, os banqueiros exploram a desgraça dos mais pobres, as minorias, “*os bônus são indexados sobre a nossa desgraça*”, declara ela em substância. A estes testemunhos comoventes acrescenta-se-lhes Tony Brancatelli, conselheiro municipal, representante de Slavic Village, um território qualificado de zona central destruída, “*de Ground Zero*”, da crise dita de *subprimes*. Os números enumerados por este representante público mostram a amplitude da crise: a cidade deve ter que gastar milhões de dólares para destruir casas insalubres, uma boa parte de Slavic Village está abandonada por falta dos seus proprietários que não puderam pagar os débitos, e deixada nas mãos dos *gangs* que aí abundam. Ao ouvir os testemunhos, o veredicto é para cada um de nós evidente, mas é, não estar, contudo, a contar com o sentido das responsabilidades que animam os americanos em que a decisão depende do júri. Com efeito, certos jurados consideram que os contratantes dos empréstimos deveriam ter avaliado melhor a sua capacidade financeira. Sublinhemos que este filme permite a cada um de nós compreender um pouco melhor o que é a crise de *subprimes* e formar a nossa própria opinião.

Disponível em

[http://www.novethic.fr/novethic/finance/institutions\\_financieres/cleveland\\_contre\\_wall\\_street/130642.jsp](http://www.novethic.fr/novethic/finance/institutions_financieres/cleveland_contre_wall_street/130642.jsp)

## 8. *Cleveland Contra Wall Street*, um processo útil mas em sonho...

Emmanuel Lévy

*Marianne*

19 de Agosto de 2010

*Este filme, conta-nos o julgamento, que nunca chegou a existir, da cidade de Cleveland, arruinada pela crise dos subprimes contra os grandes senhores dos mercados financeiros. A genealogia de uma crise da qual ainda estamos longe de ter saído.*

Conheciam-se os “romanquéritos”, misturando ficção e inquéritos num mesmo livro com raros casos de sucesso (Truman Capote de que se inspirou, de maneira controversa, Bernard Henri Levy); ou o jornalismo de ficção com o processo tipo folhetim de Jacques Chirac no *Le Monde* este verão, muito lido nos círculos parisienses. O realizador suíço Jean-Stéphane Bron adapta hoje essa técnica ao cinema. O seu filme *Cleveland Contra Wall Street*, transpõe esta técnica para o cinema documentário.

Terceiro filme este ano a querer-nos trazer para a luz do dia qual é o poder da finança na mecânica da crise actual, vista esta através dos créditos *subprimes* (*Wall Street 2* de Oliver Stone e o documentário *Inside Job* de Charles Ferguson), *Cleveland Contra Wall Street* filma um julgamento.

Salvo que este julgamento nunca se chegou a realizar: *Cleveland Contra Wall Street* conta a história de um julgamento que se deveria ter realizado. Um processo de cinema, cuja história, protagonistas e os seus testemunhos,

*é tudo bem real*”, indica a sinopse sobre o filme que nos foi enviada. Trata-se de uma escolha por ausência do que seria verdadeiro como bem o afirma o cineasta em voz-off mal o filme se inicia, uma vez que o andamento do processo foi bloqueado por uma armada de advogados mandatados por Wall Street.

Que não seja daí o problema. Para o cineasta confrontado com a perda do seu tema de documentário, a matéria do filme, as pessoas, os factos, tudo isso permanece, tudo isso existe. E tanto mais que ele tinha feito a viagem vindo do lago Léman até aos grandes Lagos, não sem ter previamente convencido os produtores (faceta não menos importante nos trabalhos de um realizador) como Arte e Canal +. É bastante correcto associar o termo “verdadeiro” ao juiz, ao júri, aos advogados e a todos os outros, também eles “verdadeiros” como as testemunhas o são igualmente, e uma dose de encenação e o filme está a andar...

Obtém-se um filme notavelmente bem conduzido nos caminhos do sucesso ficcional por ausência do real. Da mesma maneira que Steven Soderbergh em *Erin Brokovitch*, ou Alan J. Pakula *Nos homens do Presidente*, os factos opondo a luta sem esperança dos mais fracos contra os mais fortes são aqui, totalmente verdadeiros (enfim, bem queremos acreditar nisso). Este gosto pela verdade acentua-se pela força que a dramaturgia transporta para a confrontação no tribunal o que já tem mostrado, e bem, a sua eficácia narrativa. Mais ainda deste lado do Atlântico: no modelo de justiça americana, de tipo acusatório, ambas as partes se batem frente a frente com um juiz como árbitro e com jurados para estabelecer a sentença.

Salvo que, e é, sem dúvida, o limite do exercício, se o julgamento não tiver existido, o que uma das partes não queria que acontecesse. No filme, Wall

Steet, pela via dos bancos, está de facto representado certamente por um advogado... mas não o seu. Certamente, é um verdadeiro advogado, mas não um tipo mandatado para apoiar a sua posição. Somente, a encenação dá-lhe o mau papel: são às vezes peremptórias e frequentemente as suas perguntas, fechadas, incomodam o espectador que o vê, portanto, como antipático e com isso é a sua causa, já bem pouco popular, que sofre estes efeitos.

Que dizer de outra cidade face a esta, que como a sua vizinha de Michigan, Flint, no filme de Michale Moore, *Roger and Me*, parece ter sofrido os raios do dilúvio do capitalismo financeirizado. Abandonados pela reestruturação da General Motors, com cerca de 30.000 empregos destruídos, os bairros populares de Flint, abandonados pela sua população de repente empobrecida, oferecem um espectáculo de desolação dignos de um bom filme de zombies. A mesma coisa se passa no filme de Jean-Stéphane Bron sobre Cleveland. Se ela partilhou com Flint, a crise dos anos 80, Cleveland podia tornar-se hoje, o símbolo da crise dos *subprimes*. Os efeitos aí são bem evidentes. Esta cidade (des)industrializada do Ohio (região dos grandes lagos) levantou, com efeito, uma queixa contra 21 bancos, que acusa de serem os responsáveis pelas dezenas de milhões de dólares que a cidade teve que gastar para acudir aos custos sociais, ao aumento da delinquência, à perda de receitas fiscais, uma vez que bem pesados foram os efeitos sobre o seu orçamento resultantes da expulsão de 20.000 famílias das suas casas.

Tal é, de resto, o objecto da queixa: fazer com que os bancos contribuíssem para estes custos indirectos. Mas, em vão, tratava-se, de facto, de apenas um processo instaurado aos bancos acusados de terem destruído milhões de lares americanos, propondo-lhes que se endividassem.

O filme esforça-se por analisar a mecânica infernal da distribuição destes créditos pelos mais pobres. E é de facto aí que reside o seu principal interesse e vale mesmo a pena deslocarmo-nos para o ver.

O crédito, hipotecário ou não, foi liberalizado nos anos 90 pela administração democrata de Clinton. Esta nova oportunidade foi integrada rapidamente por Wall Street. Os testemunhos de origem modesta seguem-se, uns a seguir aos outros, e contam todos a mesma história: as dificuldades para conseguirem chegar ao fim do mês, os brokers (corretores) que se apressam para os poderem financiar, por conseguinte, para lhes poderem atribuir um novo empréstimo de 40.000 dólares com base numa casa comprada por 26.000 dólares alguns meses antes, depois, uma nova oferta de 70.000 dólares... Insuportável quando o ciclo altista da propriedade imobiliária se interrompe e com ele o crescimento da economia americana e a irrupção do desemprego em massa.

Sucedem-se na barra do tribunal os carrascos e as vítimas de toda a cadeia deste ecossistema. Assim, um amável corretor negro, antigo traficante de droga reciclado na venda de créditos tóxicos, descreve os pequenos arranjos que se faziam com as declarações de rendimento dos compradores de casas a crédito, onde 1.400 dólares de rendimentos passavam a 2.400. Numa espécie de arrependimento, este explicará que a sua comissão podia atingir cerca de 7.000 dólares para este tipo de empréstimo *subprime* cuja taxa era de 15% e a exceder no dobro “a taxa” reservada aos clientes solventes. Mas, ele é apenas o vendedor, o que forja o produto, por detrás está a máquina a reciclar estes empréstimos e que se encontra em Wall Street. Alguns descobrirão assim um certo Michael Osinski. Um homem livre que fala. Autor “[d]O meu projecto Manhattan: Como ajudei a construir a bomba que fez explodir Wall Street”, este informático forte em matemáticas



foi um dos especialistas que conceberam o sistema da titularização. Não é por acaso que, ao falar, faz referência “ao projecto Manhattan”, projecto que esteve na base do fabrico da bomba atómica. Uma explosão que acontece não sem que, de facto, um certo número dos seus antigos colegas não tenham enchido os seus bolsos “até a 1% de 1 000 milhares de milhões de dólares”, apenas em comissões ... e tudo isto para que estes mesmos “sejam salvos pelos milhares de milhões de dólares do plano de resgate do governo”, concluiu, revoltado.

Disponível em [http://www.marianne2.fr/Cleveland-contre-Wall-Street-un-proces-utile-mais-en-reve\\_a196500.html](http://www.marianne2.fr/Cleveland-contre-Wall-Street-un-proces-utile-mais-en-reve_a196500.html)

## **9. *Cleveland Contra Wall Street*: Entrevista com o Procurador Joshua Cohen**

Pete Roche

*The Cleveland Movie Blog*

6 de Abril de 2011

Os Procuradores da prefeitura de Cleveland, em 2008, intentaram uma acção judicial histórica contra 32 bancos, aos quais exigiam milhões de dólares de indemnização por “agravo público”, causado pela crise do

crédito hipotecário. Joshua Cohen (da sociedade de advogados Cohen, Rosenthal, & Kramer, LLP) foi o consultor principal da prefeitura de Cleveland (na vida real e no filme de Bron), sendo considerado um perito de litigância em processos fora do normal. Este natural de San Antonio liderou o caso dos desapontados possuidores de bilhetes para todo o campeonato do clube Cleveland Browns, prejudicados quando a sociedade proprietária do clube, a Art Modell, transferiu o problemático clube para Baltimore (Beder versus Cleveland Browns, 114 Ohio Misc. 2d 26, 758 N. E. 2d 307). Cohen está actualmente a intentar uma acção judicial para recuperar as perdas das pessoas do Ohio que foram defraudadas em muitos milhões de dólares por um esquema de Ponzi.

O processo judicial de Cleveland constituiu a base para o filme/documentário *Cleveland Contra Wall Street*. O filme, realizado por Jean-Stéphane Bron, estreou no Festival de Cinema de Cannes e foi exibido numa sala cheia no Festival Internacional de Cinema de Cleveland, em 2 de Abril. Será estreado, em 5 de Abril, em ambos os cinemas Capitol e Cedar Lee, sendo depois lançado em distribuição geral, em 8 de Abril. O blogue Clevelan Movie Blog falou com o Procurador Joshua Cohen acerca do processo judicial, sobre o filme – e sobre as suas opiniões acerca da repercussão local da crise económica em curso.

**CLEVELAND MOVIE BLOG:** Então como é que a prefeitura de Cleveland o abordou para intentar esta acção judicial?

**COHEN:** Eu comecei a estar envolvido no caso no Verão de 2007. Fui abordado por alguns activistas de defesa dos direitos de habitação que estavam convencidos que Wall Street era responsável por aquilo que se

passava na sua área urbana. Pediram-me que concebesse uma linha conceptual de argumentação para acusar Wall Street. E, à medida que tentava juntar as peças para formular uma linha conceptual de acusação, cheguei à conclusão que a parte realmente prejudicada – a parte que representaria a causa mais forte, na minha opinião – seria a prefeitura da cidade. Porque haveria um problema em fazer a acção em nome dos proprietários das habitações, porque há uma questão real que é a de saber quem é que é responsável por maus empréstimos. Seriam os beneficiários dos empréstimos os responsáveis, ou estariam a aproveitar-se? É uma questão – e cada um pode ter as suas próprias impressões – pela qual eu preferi não enveredar. Assim, falei com o Director Jurídico da prefeitura de Cleveland, Robert Triozzi, que estava a pensar na mesma linha, como se verifica, e intentámos a acção em Janeiro de 2008.

**CMB:** Certo. Trozzi foi Juíz do Tribunal Municipal de Cleveland durante vários anos [e concorreu a Mayor em 2005]. Barbara Anderson [do movimento Empowering and Strengthening Ohio's People], residente em SlavicVillage, é, no filme, um dos jurados do tribunal. Era ela um dos defensores dos direitos de habitação que antes mencionou?

**COHEN:** Não, não. Eu só encontrei a Sra. Anderson no filme. Os tipos com quem me encontrei eram do “Community Housing Solutions”, e Paul Bellamy – que participa em múltiplas organizações. Eles abordaram-me simplesmente. Não me lembro quem era membro de que organização, mas eles abordaram-me no Verão de 2007.

**CMB:** Então qual é a situação de facto do processo? Creio que a defesa dos bancos interpôs requerimentos para o manter em suspenso.

**COHEN:** Na verdade, há *dois* processos: Um foi originalmente interposto no tribunal estadual em Janeiro de 2008, depois passou para o Tribunal Federal dos EUA, e foi arquivado. Recorremos para o Sexto Tribunal de Círculo, que confirmou o arquivamento. Tentámos que o Supremo Tribunal de Justiça revisse o caso, mas o Tribunal recusou a nossa petição em definitivo. Ficámos assim sem processo. Mas temos um *segundo* processo a nível estadual no Tribunal Comum de Cuyahoga perante o juiz Brian Corrigan, com as mesmas alegações que fizemos no processo a nível Federal – com mais algumas alegações adicionais. *Esse* processo ainda está bem vivo (CV08646970). Temos grandes expectativas neste processo, mas enfrentamos o mesmo tipo de oposição. Uma defesa verdadeiramente suja. Estão pendentes requerimentos para arquivar o processo e resta-nos ficar à espera da decisão.

**CMB:** O processo que está com o juiz Corrigan é o dos danos por agravo público, não é?

**COHEN:** Sim, o processo a nível estadual inclui uma queixa de agravo público, e há também uma queixa de crime de fraude estadual, baseada nas práticas destas empresas de accionarem as hipotecas sem possuírem de facto os títulos hipotecários. Sabe, esta coisa das assinaturas “robotizadas” que se revelou no último Outono e por aí adiante. A prefeitura estava a denunciar isso desde o Verão de 2008. O processo a nível federal estava apenas centrado no agravo público, e, por isso, estivemos um pouco mais envolvidos neste novo processo a nível estadual. O caso é que, no filme, não apresentámos realmente muitas evidências directas. Se o caso fosse *efectivamente* avante, poderíamos ter conseguido evidenciar o que a cidade sofreu efectivamente no que respeita às habitações demolidas. O membro do conselho estadual, Brancatelli [Ward 12], tocou nisso ao de leve – mas

não nas habitações demolidas, na cobertura de seguro de incêndio, na cobertura de segurança policial, na manutenção – em como ocorreu o desvio de fundos do desenvolvimento das comunidades urbanas e esse tipo de coisas. Cleveland tinha sido líder nacional do desenvolvimento das comunidades urbanas no início de 2000, mas isso simplesmente acabou, largamente porque os fundos foram desviados deste objectivo, ou seja, de tratar destas casas abandonadas.

**CMB:** Como é que Jean-Stephane veio ter consigo por causa do filme?

**COHEN:** Jean-Stephane Bron veio primeiramente ter connosco por causa do próprio processo judicial. Ele abordou a prefeitura da cidade para poder filmar os desenvolvimentos reais da litigância do processo. Seguiu-se um procedimento algo complicado com ele, porque iam filmar nos bastidores do processo e nós estávamos preocupados com a situação legal da relação Procurador-cliente e esse tipo de coisas. Conseguimos chegar a um entendimento em que podíamos fazê-lo, mas pareceu a Jean-Stephane, em 2009, que o caso não iria a julgamento por algum tempo, se é que iria mesmo. Por isso, ele abordou-me, em Março de 2009, com a ideia de fazer um julgamento encenado. Para ser honesto, eu não estava inicialmente muito optimista sobre quão eficaz isso seria. Mas, juntámos as testemunhas e arranjámos especialistas em questões de defesa judicial. E organizámos este julgamento, obviamente irrealista em vários aspectos. Fez-se a representação teatral e filmara-se várias cenas e coisas do género. Mas, em certos aspectos, era muito real. Como o espírito competitivo do julgamento. Eu vi-me a mim próprio *no* julgamento, querendo com toda a força conseguir testemunhos eficazes e sentindo a mesma pressão competitiva que teria num processo real, e tentei marcar as minhas posições com o mesmo espírito de advocacia que teria num julgamento real.

**CMB:** Pois, pareceu-me por vezes que se atacassem o [advogado de defesa] Sr. Fisher, ele teria aquela expressão facial de escárnio.

**COHEN:** Isso mesmo. Parece-me... eu não sou conhecido por ter uma boa postura facial inexpressiva como um jogador de poker. E, por vezes, as pessoas do público estavam atentas às *minhas* reacções àquilo que *ele* estava a fazer. Estava realmente envolvido naquilo. E, tal como digo no filme, uma das coisas que realmente se verifica é que isto não era um exercício académico para nós. Vivemos com isto *todos os dias*. Indo de carro para o trabalho, ou de qualquer outra maneira, vemos o que está a acontecer à nossa cidade. E pode discutir-se se Wall Street é ou não responsável. Pode abordar-se o problema de forma *abstracta* – mas a questão é que, quer sejam responsáveis ou não, nós temos que enfrentar as consequências do que acontece todos os dias. E isso é duro.

**CMB:** Teve algum receio de mostrar o seu jogo, no plano legal, ao participar no filme?

**COHEN:** Nem por isso. No que respeita ao processo *real*, não creio que se desenrolasse necessariamente da mesma maneira, se tivémos a sorte de o conseguir levar a julgamento. Alguns dos testemunhos serão os mesmos. Mas, isto foi uma representação muito estilizada. Não é a apresentação que teria lugar num processo real. Certamente, alguns dos testemunhos e alguns dos pontos coincidiriam. Mas, eu não estava preocupado com o que poderia revelar, ou quaisquer segredos.

**CMB:** Então a argumentação manteve-se a nível superficial; não entraram em detalhes técnicos.

**COHEN:** Não entrámos em detalhes técnicos, não entrámos nos aspectos relativos à cidade. Não interrogámos ninguém de Wall Street; Peter Wallison [antigo conselheiro da Casa Branca e nosso consultor económico] foi quem fez essa representação. Creio que agarrámos as questões, embora de forma não tão directa como seria num julgamento real.

Disponível em <http://www.clevelandmovieblog.com/2011/04/cleveland-vs-wall-street-interview-with.html>

## **10. *Cleveland Contra Wall Street* faz o julgamento da crise das hipotecas**

Joanna Connors

*The Plain Dealer*

2 de Abril de 2011

Os advogados Josh Cohen e Kathleen Engel conferenciam entre si no filme "*Cleveland Contra Wall Street*", um documentário sobre um julgamento em tribunal, encenado pelo realizador Jean-Stephane Bron. Bron realizou o

juízo encenado quando os tribunais federais arquivaram a acção judicial que a prefeitura da cidade de Cleveland intentou contra 21 bancos de investimento. A acção acusava os bancos pela catástrofe originada pelo accionamento das hipotecas. O realizador de cinema Jean-Stephane Bron nunca se tinha lembrado de Cleveland antes do dia de Janeiro de 2008 em que se deparou com esta história no seu jornal matinal.

A história não passava realmente de uma notícia breve, com apenas dois parágrafos. Dizia que Frank Jackson, o Mayor de Cleveland, tinha interposto uma acção judicial contra 21 grandes bancos de investimento. Jackson tornava os bancos responsáveis pela crise do *subprime* das hipotecas que levaram à crise do accionamento das hipotecas em Cleveland – que, por seu turno, conduziu aos milhares de casas vagas, bairros degradados e aumento das taxas de criminalidade que agora recaem sobre a cidade.

Os bancos, segundo alega a acção judicial, provocaram um agravo público. A história era curta, mas, tal como Truman Capote, que começou por ler uma notícia breve no New York Times e acabou a escrever o livro “À Queima Roupa”, Bron viu algo mais na notícia: o seu próximo filme.

Três anos depois, esse filme, "*Cleveland Contra Wall Street*" chega a Cleveland, sendo apresentado esta tarde no Festival Internacional de Cinema de Cleveland nos cinemas ToerCity, com estreia na Sexta-feira nos cinemas Capitol e Cedar Lee.



## **Sinopse:**

### *Cleveland Contra Wall Street*

**O quê:** Um documentário encenado de um julgamento sobre a acção judicial de Cleveland contra 21 bancos por causa da crise das hipotecas (2010/Suíça, França, USA) 98 minutos.

**Quando:** Sábado, às 16:10, no Festival Internacional de Cinema de Cleveland, numa exibição apenas para convidados e para quem adquira bilhetes na altura no local. Estreia Sexta-feira nos cinemas Capitol e Cedar Lee.

“Era uma pérola para uma história”, disse Bron na semana passada, falando a partir da sua casa em Lausanne, na Suíça, apenas com pequenas dificuldades numa entrevista em inglês. “Foi como se o guião tivesse sido escrito em Hollywood”.

Ou talvez na antiga Israel, dada a batalha legal de David contra Golias em que Cleveland se lançou.

Para combater os 21 Golias financeiros, a cidade armou-se com uma espécie de fisga, pelo menos em termos de números: Seis advogados de Cleveland, liderados por Josh Cohen, da pequena sociedade Cohen, Rosenthal and Kramer defrontando 63 advogados de grandes sociedades que defendiam os bancos.

Com tantos advogados envolvidos – e nenhum deles representado por Tom Cruise – o processo prometia ser muito complicado e mais do que um pouco entediante. Bron estava determinado. Tinha enfrentado estas situações no seu documentário de 2004 “Cornin Parliament”, que acompanhou os legisladores Suíços quando tentaram elaborar uma lei sobre engenharia genética.

Bron queria fazer o mesmo em Cleveland, acompanhando o caso real por dentro, passo a passo, até ao próprio julgamento. Em Abril de 2008, apanhou o avião para cá para apresentar a ideia ao Director Jurídico de Cleveland, Robert Triozzi.

Triozzi não ficou surpreendido. Tinha respondido a chamadas telefónicas de todo o mundo sobre a acção judicial. Orgulhava-se da estratégia legal que a cidade tinha empreendido, sabendo que dava uma boa história.

“Por um lado, era uma história que o público precisava de compreender, e eu estava receptivo a isso”, disse ele. “Por outro lado, estávamos envolvidos num litígio legal de muitos milhões de dólares, e eu estava preocupado em como o envolvimento [de Bron] poderia vir a interferir. Estávamos nesta acção judicial, não para contar uma boa história, mas para ganhar”.

Cohen, o consultor externo da prefeitura e o líder da equipa de advogados, tinha reservas semelhantes. Acabaram por chegar a acordo com Bron, permitindo-lhe filmar muito do que se passava nos bastidores do processo. Como advogados que eram, acrescentaram, contudo, uma cláusula: poderiam dizer-lhe para cortar tudo o que no filme que pudesse pôr em causa a relação Procurador-cliente.

Bron e a sua equipa fizeram 11 viagens a Cleveland durante a pré-produção e as filmagens. “Eles praticamente acamparam nos nossos escritórios durante vários meses”, recorda Cohen.

Foram também para a cidade, “para a cena do crime” como diz Bron.

Barbara Anderson, uma activista dos bairros urbanos indignada com os esquemas do *subprime* das hipotecas que conduziu à crise do accionamento das hipotecas, é uma das personagens de Cleveland retratadas no documentário *Cleveland Contra Wall Street*.

Numa reunião da organização não lucrativa East Side Organizing Project, Bron conheceu a activista Barbara Anderson, que, em 1999, quase perdeu a sua casa em Slavic Village no âmbito de um financiamento de tipo predador. Anderson enfrentou a sociedade hipotecária e ganhou, e ajudava agora os outros. A sua indignação contra os grandes bancos era tão viva como o seu casaco vermelho.

Bron reconhecia uma estrela quando via uma. Disse a Anderson que queria apenas acompanhá-la por lá.

“Eu nem sequer sabia, no início, que ele estava a trabalhar num filme”, disse Anderson. “Para mim, ele era apenas uma interrupção. Mas foi persistente”.

Acabou por dizer a Anderson que estava a realizar um filme e que pretendia acompanhar todo o julgamento real, do princípio ao fim.

“É doido?”, perguntou ela. “Como é que pensa que possa conseguir fazê-lo?”

Como se verificou, não pôde.

Nos seus planos, Bron não contou com o grande papel desempenhado pelas lentas rodas da justice. Que fizeram disso jus.

Assim, o processo arrastou-se, balançando do tribunal estadual para o tribunal federal, onde foi arquivado, e depois continuou para o circuito dos recursos. Em certa altura, Bron apercebeu-se que o processo poderia nunca chegar a julgamento.

Então, e agora?

O julgamento tem que se fazer, decidiu Bron. Ele encenaria ele próprio o julgamento – um julgamento teatralizado, sim, mas numa sala real de um tribunal, com testemunhos reais, um júri real e um juiz, com a equipa de filmagens de Cohen a servir de representação da cidade. Seria uma forma nova de realizar um documentário.

Isto, também, isto liga-se com Truman Capote, que pretendeu ter ele inventado o romance de não-ficção com o romance "A Sangue Frio".

Quando Bron fala a Cohen sobre a sua ideia, Cohen ficou céptico. "Parecia que ele estava a tentar em termos de teatro algo que no cinema é uma questão muito complexa com um monte de peças em movimento", a que Cohen respondeu. "Não me parece que se fique com algo que seja merecedor de credibilidade".

Bron, de novo, não se intimidou.

"Um julgamento é também uma forma de confrontar pessoas, de confrontar ideias", responde. " Tudo isto é como se estejamos num palco. Escolhi as testemunhas, o juiz, os advogados, uma parte do júri."

Mas então, disse ele, deixá-las fazer o que sentem terem que fazer, sem texto, de modo espontâneo.

"É como um lance de dados, e esperar para ver o que acontece", explicou. "Claro, isto não é a verdade, mas é uma verdade, a verdade do filme."

Um argumento como este talvez deva ser feito apenas por alguém com um sotaque francês.

As câmaras filmaram ao longo de três fins-de-semana em Agosto de 2009, num tribunal do grande e velho Lakeside Tribunal, com o juiz Thomas J. Pokorny como presidente. Cohen representou a cidade, conjuntamente com o conhecido advogado Mark Stanton e com professor de Direito Kathleen Engel, especialista em hipotecas *subprime*.

Para representar os bancos, Bron recorreu a um experiente advogado de Washington, especialista em questões do sector financeiro, Keith Fisher, que com algum arrojo se descreve a si-mesmo no filme como sendo um grande especialista "the hired gun".

As filmagens pareciam levar tanto tempo quanto um julgamento real. "Muitos, muitos dias", disse Cohen.

Mas editado agora em filme de uma hora e meia, o julgamento simulado no filme assemelha-se a um verdadeiro julgamento da mesma maneira que um esboço preliminar de um artista se assemelha a uma pintura a óleo concluída.

Apenas sete testemunhas vieram depor, apenas um delas pela defesa, por exemplo, e o processo de selecção do júri conclui-se em plena sala de tribunal.

Além disso, há a questão da montagem do filme feita por Bron. Poderia o julgamento simulado ser considerado como a reprodução de um julgamento real, com Bron a puxar por isso na montagem do filme?

"Eu sabia que ele estava a tentar ser imparcial, mas eu também sabia que ele tinha e sentia um profundo interesse por Cleveland", disse Cohen. "Houve alguma liberdade poética em termos do que estava a acontecer, mas a maioria do material está registada em livro. O que foi diferente foram ou três filmagens. E não se foi além disso.

Bron deu a cada um advogado cerca de um minuto para a sua declaração de abertura - uma ideia que pode ocupar os devaneios de muitos juiz e por muito tempo.

"Lembro-me de ter lutado até ao máximo sobre isto, dizendo-lhe: 'Dê-me três minutos!' disse Cohen. "A maioria dos advogados não é capaz de dizer o seu nome num minuto."

As testemunhas não vão ter muito mais tempo do que isso. Apesar da brevidade, entretanto, duas testemunhas devem ser destacadas.

A primeira é Keith Taylor, um ex-traficante, que entrou no negócio mais lucrativo de venda de hipotecas *subprime* em East Cleveland.

O seu testemunho sugere que os dois negócios não são tão diferentes quanto se possa parecer: em ambos, vende-se a promessa de um alívio rápido para os clientes pobres, desesperados e vulneráveis; ele utilizou as mesmas

capacidades em termos de matemáticas ao mostrar as suas percentagens; ele trabalhou sem nenhuma referência moral e fez os dois tipos de negócios nos mesmos bairros.

"Eu tinha muitas referências quanto a [empréstimos] que tinham sido obtidas no meu anterior negócio, a venda de droga", diz ele.

A segunda é Michael Osinski, que projectou o software que os bancos usaram para transformar as hipotecas em títulos tóxicos, que eram então empacotadas e vendidas a investidores. Osinski, cheio de pena, diz que ele construiu "a bomba que fez explodir Wall Street."

Depois das alegações finais - também limitadas a um minuto - o falso julgamento termina com um veredicto falso. Não seria desportivo revelar o que foi o veredicto, mas o que pode ser revelado é o que aconteceu com o caso real: Em suma, este morreu. A Câmara recorreu por todas as vias até ao Supremo que na semana passada se recusou a dar-lhe seguimento. Um caso semelhante, estado contra três instituições financeiras, que não pôde ser levado até ao tribunal federal, ainda está aberto no Cuyahoga County Common Pleas Court.

Nos tribunais que são a crítica e a opinião pública, o veredicto sobre "*Cleveland Contra Wall Street*" é mais positivo.

O primeiro veredicto veio do Festival de Cannes, que o aceitou para ser projectado na Quinzena dos realizadores. Depois, veio um convite para Munique, para o Festival de Munique.

Os comentários da imprensa europeia foram predominantemente positivos, ou pelo menos respeitosos, e quando *Cleveland Contra Wall Street* estreou

comercialmente em França e na Suíça, o público compareceu em grande número - 120.000 até ao momento, o que é muito para um documentário.

Cohen e Anderson foram juntos a Cannes e a Munique para ajudar a divulgar o filme, que é como Cohen se encontrou numa esplanada ensolarada na Croisette, com vista para o Mediterrâneo, falando a jornalistas e críticos sobre o que eles chamam "o cinema."

"Eles estavam-me a questionar sobre o que é que penso quanto ao modo como a estrutura do filme funcionou", disse Cohen. "Eu não sei. Eu posso dizer-lhes a diferença entre uma quebra de contrato e um delito, mas é sobre isso."

Anderson nunca tinha saído para fora dos Estados Unidos, antes de ir a Cannes, e ela ficou espantada com o facto de que na Europa as pessoas se preocupavam com o que estava a acontecer em Cleveland.

A recepção que lhe foi feita surpreendeu-a.

"Eram pessoas muito amáveis que pareciam abraçar os Estados Unidos e o que nós estávamos a passar", disse ela.

O grande empenho de Bron sobre Cleveland foi, de todos eles, o mais inventivo, no entanto. A sua filha nasceu no meio das filmagens, dois meses mais cedo, o que levou a algumas viagens inesperadas para casa.



"Todas as pessoas em Cleveland foi tão boas e tão envolventes e interessadas", disse Bron.

O nome dela? Mila Ohio Bron.

Disponível em

[http://www.cleveland.com/movies/index.ssf/2011/04/cleveland\\_versus\\_wall\\_street\\_p.html](http://www.cleveland.com/movies/index.ssf/2011/04/cleveland_versus_wall_street_p.html)

